

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white sans-serif font on a blue rectangular background.

Casamento, Cristo e a igreja em Efésios 5 [Marriage, Christ and the church in Ephesians 5]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository.
More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy
of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Moraes, Natanael
Publisher	Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp)
Rights	Creative Commons Copyright (CC 2.5)
Download date	2026-09-05 16:04:58
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/228835



Casamento, Cristo e a igreja em Efésios 5

Wedding, Christ and the church in Ephesians 5

Natanael B. P. Moraes¹

Resumo / Abstract



há uma tensão entre igualdade e submissão feminina permeando a parênese matrimonial em Efésios 5:21-33. O presente artigo procura compreender o tema à luz do relato da criação e da queda em Gênesis 1-3, bem como em outras passagens correlacionadas. Também é analisada a dupla relação entre Cristo e a igreja e entre o marido e a esposa em suas nuances e desdobramentos ao longo da parênese conjugal. Também se investiga as menções cristológicas, soteriológicas e eclesiológicas do texto proposto.

Palavras-chave: Matrimônio; Igreja; Efésios 5:21-33; Exegese



There is a tension between the female pairness and submission permeating the matrimonial paraenesis in Ephesians 5:21-33. This study aims to understand this subject under the light of the creation's story written in Genesis 1-3, such as in other correlated bible texts. It will also be analysed the duble relationship between Christ and the church and between the husband and his wife in its nuances and unfoldings throughout the marital paraenesis. The article will also investigate the christological, soteriological and ecclesiological mentions in the proposed texts.

Keywords: Marriage; Church; Ephesians 5:21-33; Exegesis

¹ Especialista em Teologia pelo Centro Universitário Adventista de São Paulo (Unasp). Professor de Teologia Aplicada no Unasp. E-mail: natanael.moraes@unasp.edu.br

O apóstolo Paulo, em Efésios 5:21-33, exorta esposas e maridos a terem um relacionamento semelhante ao de Cristo com a igreja. Às esposas, Paulo exorta a que se submetam aos maridos, enquanto aos maridos, ele lhes admoesta a amarem suas esposas. A sujeição feminina é estudada a partir do relato da criação e da queda em Gênesis, como também nos escritos de Ellen G. White.

A maior parte da parênese matrimonial trata da atenção amorosa que os maridos cristãos precisam dispensar às suas esposas. Para tanto, Paulo utiliza duas ilustrações. Na primeira, Cristo é o modelo; depois, Paulo acrescenta outra figura, o marido deve amar a esposa como ao próprio corpo. O texto de Gênesis 2:24 é empregado pelo apóstolo para ilustrar a união de Cristo como a igreja. Por fim, Paulo exorta os maridos a amarem suas esposas e as esposas a respeitarem os maridos.

Há uma tensão entre igualdade e submissão que o apóstolo mantém até o fim. O presente artigo procura compreender essa tensão à luz do contexto em Efésios, demais escritos de Paulo e outras passagens das Escrituras.

Onde começa a parênese² sobre o relacionamento conjugal?

70

Alguns defendem que começa no v. 21, outros no v. 22. O contexto parece requerer que seja no v. 21. Os argumentos são os que se seguem: 1) Falta um verbo no v. 22 e visto que, pela lógica, esse deve ser suprido pelo v. 21; esse seria o fator de união entre os versos; 2) Efésios 5:22 - 6:9 trata de um assunto novo, a vida em família; nada no v. 18-20 sugere que Paulo tenha a família em mente quando escreve sobre o culto, exceto o fato de que o culto era realizado nas casas; 3) O tema de 5:22 - 6:9 é o de subordinação, não mutualidade; 4) o particípio do v. 21 pode ser compreendido como um imperativo. Seria possível que numa sequência de particípios, um deles deveria ser tomado como um imperativo?

Parece que sim, pois após o verso 18 que tem o verbo “enchei-vos”³ no presente do imperativo, os próximos cinco verbos, entre os versos 19 e 21, aparecem todos no particípio.

² “Exortação moral” (DICIONÁRIO, 2009).

³ Salvo indicação contrária, todas as referências neste artigo são da Versão de João Ferreira de Almeida (ARA).

O fato de “enchei-vos” estar no presente imperativo passivo deve ser entendido como uma ordem. Por sua vez, por ser presente, indica uma ação contínua (MOUNCE, 1993, p. 308).⁴ Portanto, o que Paulo quer dizer é: “procurai continuamente encher-vos do Espírito”. Como já mencionado acima, os próximos cinco verbos, dos versos 19-21, aparecem no participípio presente. Conforme as regras gramaticais do grego bíblico, “o participípio presente descreve uma ação que ocorre no mesmo tempo do verbo principal” (MOUNCE, 1993, p. 249). Portanto, “sujeitando-vos” do verso 21 deveria ser entendido como uma ordem, pois está ligado ao verbo principal, “procurai continuamente encher-vos do Espírito”, devendo ser entendido como “procurai continuamente sujeitar-vos uns aos outros no temor de Cristo”.

5) A referência a “temor” [*fobo*] tanto no v. 21 quanto no v. 33 “respeite” (ARA) [*fobetai*], pode ser tomado como indicativo de uma inclusão, unindo dessa maneira o v. 21 com o que se segue. A melhor solução parece ser o ponto de vista de que o v. 21 se constitui num verso de transição (BEST, 1998, p. 516).

A tensão entre igualdade e submissão

71

A “carta magna” da igualdade encontra-se em Gálatas 3:26-28 (ver Cl 3:11). Parece ter sido uma declaração batismal tradicional citada por Paulo. Aqueles que eram batizados “em Cristo” compartilhavam de um *status* igualitário, não havendo mais distinção entre judeus e gregos, homens e mulheres, escravos e livres. No batismo, cada crente obtinha uma nova identidade e vislumbrava um novo mundo. Era a identidade de um mundo onde não mais havia diferenciação de gênero, raça ou de classe social, estando todos radicalmente subordinados à comunidade e igualdade em Cristo (BANDSTRA; VERHEY, 2002, p. 436).

Ellen G. White está em harmonia com Paulo em Gálatas 3:28, “Deus não reconhece distinção alguma de nacionalidade, etnia ou classe social. É o Criador de todo homem. Todos os homens são de uma família pela criação, e todos são um pela redenção” (WHITE, 1976, p. 386). Nesta próxima citação, White (2007, v. 7, p. 225) amplia o quadro para incluir negros e brancos,

⁴ Porter, Reed e O'Donnell (2010, p. 303) informam que o imperativo presente passivo deve ser traduzido conforme o seguinte padrão, “estai envolvidos em” ou “sede envolvidos em”. Pesquisa realizada na internet, no site <<http://bit.ly/JzVC5J>> [Acesso em 13 out. 2011]. Por sua vez, o professor Pedro Apolinário (1974, p. 33) dizia que a tradução do imperativo presente passivo deveria ser “sede cheios”.

Cristo veio à Terra com uma mensagem de misericórdia e perdão. Lançou o fundamento de uma religião pela qual judeus e gentios, negros e brancos, livres e escravos são ligados numa irmandade comum, reconhecidos como iguais à vista de Deus.

Contudo, permaneciam as distinções entre homens e mulheres (e entre judeus e gregos, escravos e livres). A igualdade descrita na fórmula batismal era uma realidade escatológica, mas já fazia sentir o seu poder na ética igualitária. Essa ética igualitária concernente ao gênero podia ser vista na participação de mulheres no ministério de Paulo, como era o caso de Evódia e Síntique de quem Paulo testemunhou que “juntas se esforçaram comigo no evangelho” (Fp 4:3), além de outras mulheres a quem Paulo considerava suas “cooperadoras” (Rm 16:3). A ética igualitária também estava presente na participação feminina do culto quando elas oravam e profetizavam (1Co 11:5) (BANDSTRA; VERHEY, 2002, p. 436). Estava presente, inclusive, nos mesmos direitos conjugais de maridos e esposas (1Co 7:3-5).

Contudo, havia algumas dificuldades, como era o caso de algumas mulheres que oravam e profetizavam sem o véu (1Co 11:3-6). Parece que elas o faziam, defendendo seu direito igualitário dessa nova ordem cristã, mas com independência dos seus maridos, o que estava provocando distúrbios na igreja. Paulo não estava satisfeito com esse tipo de escatologia e noção de liberdade. Mediante vários apelos, ele procurou convencer os coríntios a não tolerar os excessos dessas mulheres (ver também 1Co 14:33-35 com referência ao falar em línguas das mulheres); pois ao mesmo tempo em que ele confirmava a comunidade igualitária, ele insistia em que ela não procurasse ser independente, mas que permanecesse em submissão mútua (1Co 11:11) (BANDSTRA; VERHEY, 2002, p. 436).

As comunidades cristãs não poderiam criar novas ordens sociais onde os gêneros desempenhassem novos papéis, tampouco novas estruturas familiares. As comunidades cristãs assimilavam, mas também reorientavam e qualificavam os recursos e tradições morais existentes (ver Ef 5:21-6:9; Cl 3:18-4:1; Tt 2:1-10; 1Pe 2:13-3:8). A tradição era mantida pela “submissão” da esposa ao marido, o que estava em tensão com o caráter igualitário da identidade cristã, mas, também, era reorientada e qualificada por essa identidade. A submissão era reorientada, não com base na tradição, mas pelo modelo de Cristo, sendo qualificada e transformada pela reivindicação da submissão mútua (Ef 5:21) e por estarem “em Cristo” (em quem não há “nem homem nem mulher”) (BANDSTRA; VERHEY, 2002, p. 436).

A bem da verdade, é preciso dizer que parece haver uma contradição entre igualdade e submissão. Consideremos primeiro a palavra grega para submissão, *hupotasso*. É uma palavra que Paulo usa com frequência em seus escritos (Rm 8:7; 1º:3; 13:5; Cl 3:18; Tt 3:1; Hb 12:9), inclusive para os escravos (Tt 2:9; 1Pe 2:18) (BEST, 1998, p. 518).

Uma breve checagem sobre *hupotasso* em o Novo Testamento (NT) expõe diversas áreas nas quais deve haver submissão: às autoridades constituídas (Rm 13:1; 1Tm 3:1; 1Pe 2:13); às autoridades eclesíásticas (1Co 16:16); à lei que ordenava às mulheres ficarem em silêncio na igreja (1Co 14:34); mútua submissão entre os crentes da igreja (Ef 5:21); das esposas aos maridos (Ef 5:24; Cl 3:18; Tt 2:5; 1Pe 3:1, 5); da igreja a Cristo (Ef 5:24); dos servos/escravos aos seus senhores (Tt 2:9; 1Pe 2:18); dos jovens aos mais velhos (1Pe 5:5); submissão de todos a Cristo (1Co 15:27; Ef 1:20-22; Hb 2:8; 1Pe 3:22); submissão dos crentes a Deus (Hb 12:9; Tg 4:7); submissão futura e eterna de Cristo ao Pai (1Co 15:28).

Neste ponto de nossa discussão faz-se necessário questionar por que Paulo utiliza o critério da submissão para as esposas, visto que a relação dela com o marido é diferente da relação pais e filhos, senhor e escravo?

Sabe-se que nas camadas mais altas da sociedade romana a mulher desfrutava de mais liberdade do que as mulheres das classes mais pobres, pois ela poderia ter alguma liberdade na escolha do marido. No caso da subordinação ela seria voluntária. Na verdade, a subordinação é um requisito da sociedade para que haja ordem.

A chave para a compreensão da submissão encontra-se na atitude de Jesus lavar os pés dos discípulos (Jo 13:1ss). Ele associa esse tipo de comportamento (embora não empregue a palavra) para descrever a natureza da verdadeira grandeza (Mc 10:43-45). Portanto, sua atitude em lavar os pés dos discípulos ilustra o que Ele diz.

Visto que na parênese de Paulo sobre a família, o motivo da submissão é fundamental. Jesus é apresentado como exemplo; a atitude de Jesus voluntariamente se humilhar e lavar os pés dos discípulos pode ser um indício de como deve ocorrer a submissão da esposa, ou seja, é um ato voluntário.

Devemos reconhecer que a submissão não é uma atitude fácil de ser posta em prática. Observe-se que o verso 21, onde aparece o motivo da submissão mútua dos crentes, o mesmo está ligado ao verso 18, onde Paulo exorta a que os crentes estejam constantemente procurando encher-se do Espírito. É um indicativo de que para se submeter, os irmãos precisam estar cheios do Espírito. Eles precisam dele para atingir essa meta de convívio (BEST, 1998, p. 518).

A parênese de Efésios 5:21-23

A submissão feminina no casamento deve ser considerada no amplo contexto da carta aos Efésios. Conforme o apóstolo, todos os crentes devem “conviver com toda a humildade e mansidão, com longanimidade, suportando-vos uns aos outros em amor” (Ef 4:2). É bom lembrar que o verso 21 se constitui na transição para a parênese do convívio familiar que aparece em seguida. Nesse verso, o apóstolo Paulo exorta a que todos os crentes se sujeitem “uns aos outros no temor de Cristo”. Portanto, a submissão mútua dos crentes e a sujeição feminina na relação conjugal tem uma forte motivação para ser posta em prática — a motivação é cristológica: “em Cristo” (LINCOLN, 2002, p. 385).

Efésios 5:22-24

O primeiro conselho é para as esposas. Elas recebem duas exortações, sendo que a segunda (v. 24) intensifica a primeira (v. 22). A submissão é apropriada para a mulher não somente pela convenção social da época, mas, sobretudo, porque tanto a esposa (5:22-24) quanto o marido (v. 25), ambos estão sujeitos a Cristo. Como dissemos anteriormente, com base em Paulo, a motivação é cristológica! (LINCOLN, 2002, p. 387).

Submissão feminina

Em Efésios 5:23 o apóstolo Paulo apresenta o motivo pelo qual a mulher deve se submeter ao marido: “porque o marido é o cabeça da mulher, como também Cristo é o cabeça da igreja” (Ef 5:23, ARA).

O fato de o marido ser o líder conjugal confere a ele algum grau de superioridade em relação à mulher? A resposta depende de uma breve análise sobre o relato da criação do ser humano e a queda.

A semelhança de Cristo em sua resposta aos fariseus que o interrogaram a respeito da validade da lei do repúdio (Mt 19:3), precisamos voltar ao começo do relato bíblico, a fim de termos uma posição mais abalizada. Os três capítulos de abertura do Gênesis tem crucial relevância tanto para a compreensão das origens do mundo como para a determinação do relacionamento entre homem e mulher.

Homem e Mulher em Gênesis 1

O relato da criação do homem em Gênesis 1 é complementado por Gênesis 2. O primeiro ponto a ser destacado é que “homem” (hebraico

'*adam*') é um termo que inclui "homem e mulher" (Gn 1:27 ARA). Como tal, '*adam*' ("homem") é um termo genérico para homem e mulher. Portanto, em Gênesis 1 não há distinção entre os sexos em termos de superioridade ou subordinação. O homem só tem uma existência plena e completa como homem e mulher. O pleno sentido de '*adam*' só é alcançado quando há homem e mulher (HASEL, 1984, p. 10).

O ser humano foi criado para viver em constante comunhão um com o outro. Embora o homem tenha sido criado primeiro (Gn 2:7), cuja implicação já está presente em Gênesis 1:17, pois o "homem" é mencionado antes da "mulher" e colocado no jardim do Éden para "o cultivar e o guardar" (Gn 2:15), ele ainda não é a criatura perfeita e completa designada por Deus. A própria avaliação divina da situação após a criação do homem foi "não é bom que o homem esteja só" (Gn 2:15). Somente com a criação da mulher é que o homem realmente existe numa parceria de comunhão completa e harmoniosa. Somente depois da presença de homem e mulher é que a criação está completa, um fato enfatizado novamente em Gênesis 2 (HASEL, 1984, p. 10).

Na definição da humanidade representada pelos dois sexos, o Criador não deixa transparecer qualquer tipo de superioridade de um sobre o outro. A mulher não está subordinada ao homem; o homem não está subordinado à mulher. Vários pontos significativos em Gênesis 1 indicam que "macho e fêmea" (Gn 1:27, ARC) foram criados iguais, nenhum sendo superior ou inferior ao outro na criação (HASEL, 1984, p. 10-11).

Um fato que desperta admiração é que "macho e fêmea" foram criados a imagem de Deus (Gn 1:26-27). Não há distinção em termos de superioridade ou inferioridade, ao contrário, a mulher e o homem compartilham igualmente a imagem de Deus (HASEL, 1984, p. 11).

A bênção é concedida aos dois: "E Deus 'os' ['*otam*] abençoou" (Gn 1:28). A bênção divina veio para o homem ('*adam*') como homem e mulher. Assim, ambos devem compartilhar as bênçãos de serem fecundos e multiplicarem-se. A responsabilidade pela propagação e perpetuação da espécie humana é atribuída igualmente ao homem e a mulher. Também a tarefa de "sujeitar" a terra (Gn 1:28) e "dominar" o mundo animal (Gn 1:26, 28) é conferida ao homem e a mulher (HASEL, 1984, p. 11).

Homem e Mulher em Gênesis 2

A mulher foi criada por Deus após Adão ter dado nome aos animais (Gn 2:19, 20). Essa experiência serve para dar sentido a declaração divina

“não se achava uma auxiliadora que lhe fosse idônea” (Gn 2:20). Então aparece o pronunciamento divino: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei uma auxiliadora que lhe seja idônea” (Gn 2:18).

Urge que estudemos o sentido de *‘ezer k^enegdo*. Gênesis 18 realça a libertação do Senhor: “Não é bom que o homem esteja só; far-lhe-ei *‘ezer k^enegdo* (“auxiliadora” [ARA]; “ajudadora” [Corrigida Fiel—ACF]; “adjutora” [ARC]; “companheira apropriada” Tradução na Linguagem de Hoje—TLH)”. As palavras hebraicas *‘ezer k^enegdo*, tem sido entendidas geralmente como indicativas de *status* de inferioridade ou subordinação da mulher, mas não é este o significado comunicado por esses termos (DAVIDSON, 2007, p. 15).

Geralmente, a palavra *‘ezer* é traduzida por “auxílio, auxiliadora,” em português. Contudo, essa é uma tradução enganosa porque a palavra “auxiliadora” tende a sugerir que alguém é assistente, um subordinado, um inferior, enquanto a palavra hebraica não tem essa conotação. A Bíblia hebraica emprega com frequência *‘ezer* para descrever o auxiliador superior — o próprio Deus como auxiliador de Israel (Ex 18:4; Dt 33:7, 26; Sl 33:20; 70:5; 115:9, 10, 11). Esse é um termo relacional, que descreve um relacionamento benéfico, mas por si mesmo não especifica posição ou classe, seja de superioridade ou inferioridade. A posição específica pretendida deve ser procurada no contexto imediato. No caso de Gênesis 2:18, 20, tal posição deve ser demonstrada pela palavra que aparece junto a *‘ezer*, no caso *k^enegdo*. A palavra *k^enegdo* comunica, geralmente, a ideia “defronte de” ou “contraparte”, de modo que numa tradução literal teríamos “como sua contraparte, correspondente a ele”. Usada com *‘ezer*, esse termo indica igualdade: Eva é a “benfeitora/auxiliadora” de Adão, alguém que está numa posição “correspondente a ele”, “sua contraparte, seu complemento”; Eva é “parceira” de Adão (DAVIDSON, 2007, p. 15-16).

Gênesis 2 oferece outras linhas argumentativas para aqueles que defendem a subordinação feminina a partir da criação. No entanto, o fato de o homem ter sido criado primeiro não indica que ele seja superior à mulher, pois com frequência a literatura hebraica usa o dispositivo da inclusão no qual os pontos centrais de uma unidade são colocados no começo e no fim de uma unidade. Tal é o caso em Gênesis 2. Todo o relato está composto na forma de inclusão ou “construção circular”, na qual a criação do homem no princípio e da mulher no final da narrativa indicam que cada um corresponde ao outro em importância (ver MUILENBURG, 1969, p. 9-10). O movimento em Gênesis 2 não é do superior para o inferior, mas de incompletude para

completude. A mulher é criada como o clímax, a culminação da história. Ela é o coração da criação (DAVIDSON, 2007, p. 14-15).

Consideremos, agora, a alegação de que Gênesis 2 aponta para a superioridade masculina e consequente subordinação da mulher pelo fato de a mulher provir do homem. Visto que ela foi formada do homem, ela tem uma origem derivativa, um *status* dependente e subordinado. Que Eva proveio de Adão não pode ser negado, mas essa derivação não implica em subordinação. Isso é indicado pelo texto de várias maneiras. Observamos que também Adão foi formado do pó (Gn 2:7), mas não podemos concluir que o pó era superior a Adão. Notemos que a mulher não era a costela de Adão, essa foi sua matéria prima, não a mulher, que foi tirada do homem, tal como a matéria prima do homem foi “tomada” do pó (Gn 3:19, 23). O verbo *bnh* (“fazer”) usado no relato da criação somente para a formação de Eva, sugere uma intenção estética e, também, a ideia de confiabilidade e permanência. Cumpre lembrar que o texto diz que o homem estava “dormindo” quando Deus criou a mulher. O homem não teve nenhum papel ativo na criação da mulher o que não lhe permite reivindicar qualquer tipo de superioridade (DAVIDSON, 2007, p. 16).

Outro argumento empregado para apoiar a perspectiva hierárquica dos sexos provém da criação da mulher de uma das costelas de Adão. A palavra *sela*⁷ tanto pode significar “lado” quanto “costela” (BROWN *et al.* 1953, p. 854) Para Tomás de Aquino (*Suma Teologica*, Livro 1, C 92, A 3), Deus fez a mulher da costela de Adão porque “Era conveniente que a mulher fosse formada da costela do homem. Primeiro, para dar a entender que entre ambos deve haver uma união social. Porque a mulher não deve *dominar o homem* (1 Tim 2,12); por isso não foi formada da cabeça. Tampouco deve o homem depreciá-la como se ela lhe estivesse submetida servilmente; por isso não foi formada dos pés”.⁵ Já para Phyllis Tribble (1973, p. 37), o fato de Eva ter sido feita da costela de Adão é um indicativo de “solidariedade e igualdade”.⁶ Por sua vez, Ellen G. White (2009, p 46) reconhece a criação de Eva da costela de Adão como alusivo a igualdade: “Eva foi criada de uma costela tirada do lado de Adão, significando que não o deveria dominar, como a cabeça, nem ser pisada sob os pés como se fosse inferior, mas estar a seu lado como igual, e ser amada e protegida por ele”.

Há ainda outro aspecto a ser tratado, alguns consideram que a frase “chamar-se-á varoa, porquanto do varão foi tomada” (Gn 2:23), além de

⁵ Disponível em: <<http://bit.ly/KCbf7R>>. Acesso em: 12 out. 2011.

⁶ Tribble é, reconhecidamente, uma intérprete bíblica feminista das mais respeitadas. Para uma melhor noção biográfica ver <<http://bit.ly/KLngby>>.

ser-lhe “auxiliadora e nomeada por ele, indica uma certa subordinação por parte dela” (BAILEY, 1970, p. 143). Um estudo cuidadoso atesta que a passagem não apoia essa inferência. Em primeiro lugar, a forma típica para a nomeação envolve o verbo “chamar” (hebraico *qara*) mais o objeto explícito, *nome*. Isso é evidente desde a primeira nomeação na Bíblia e permanece consistente em Gênesis: “E o nome que o homem desse a todos os seres viventes, esse seria o nome deles. Deu nome o homem a todos os animais domésticos, às aves dos céus e a todos os animais selváticos” (Gn 2:19-20). Ao dar nomes aos animais, Adão estabelece sua autoridade e domínio conferidos por Deus sobre eles (Gn 1:28), ao mesmo tempo que reconhece que não há uma companheira para ele. Em Gênesis 4:17, “edificou uma cidade e lhe chamou [*qara*] Enoque, o nome [*Shem*] de seu filho” (Gn 4:17). Percebe-se a mesma sequência em Gênesis 4:25. Esses exemplos demonstram que a cláusula “chamar-se-á varoa” (Gn 2:23) não tem a ver com o dar nome a companheira de Adão. A sentença tem o verbo “chamar” (*qara*), mas lhe falta a palavra essencial “nome” (*Shem*). Essa conclusão tem apoio no fato de que a palavra “varoa” (*’ishsha*) não é um nome próprio. Ela designa a companheira feminina do homem com o reconhecimento de sua sexualidade. Essa nomeação por parte do homem não implica em qualquer poder ou superioridade sobre a mulher. Homem e mulher são duas pessoas, sendo que nenhuma tem poder e autoridade sobre a outra (HASEL, 1984, p. 16).

Gênesis 2:23 apresenta outra forte evidência de que Adão e Eva foram criados no mesmo nível de igualdade, não havendo superioridade ou inferioridade no relacionamento entre ambos. Isso pode ser compreendido ao se considerar a efetivação do concerto feito por ambos no seu matrimônio (Gn 2:23, 24). Segundo demonstrado por Jeffrey Niehaus (1995, p. 142-155), o relato da criação em Gênesis 1 e 2 segue a estrutura dos concertos um tanto comuns no segundo milênio a.C. Oséias 6:7 comprova que nossos primeiros pais fizeram um concerto com Deus no Éden: “Mas eles transgrediram a aliança, como Adão; eles se portaram aleivosamente contra mim” (Os 6:7). Por sua vez, Walter Brueggemann demonstrou que as palavras “E disse o homem: Esta, afinal, é osso dos meus ossos e carne da minha carne” (Gn 2:23) representam a concretização do seu concerto matrimonial.

Antes de se demonstrar as evidências do concerto matrimonial entre Adão e Eva, é preciso notificar que existem dois tipos de concertos. O primeiro pode ser definido como um acordo no qual as partes, no mesmo grau de igualdade, voluntariamente se submetem as estipulações referentes aos seus deveres e privilégios. O segundo tipo de concerto é realizado entre uma

parte superior e outra inferior, como é o caso dos concertos entre Deus e Suas criaturas, conforme esboçados na Bíblia (BERKHOF, 1993, p. 264).

Normalmente, a expressão “osso dos meus ossos e carne da minha carne” (v. 23) tem sido interpretada como designativo poético da origem da mulher a partir do homem (LEUPOLD, 1950, v. 1, p. 136-137; CALVIN, 1993, v. 1, p. 135). Contudo, os estudos empreendidos por Stanley Gevirtz verificaram que é normal surgirem diversos modelos poéticos em pares de palavras.⁷ Tal é o caso de “ossos dos meus ossos e carne da minha carne”, conforme defendeu Walter Brueggemann, indicando que a expressão designa uma fórmula de concerto.

Segundo Brueggemann (1970, p. 533-535), a tradução mais correta de “osso dos meus ossos”, no hebraico *etsem me’atsamai*, seria “osso-poder”, enquanto para “carne da minha carne”,⁸ no hebraico *basar mibbesari*, o melhor seria “carne-fragilidade”. A mesma combinação de “osso” e “carne” está presente em Gêneses 29:14; Juízes 9:2; 2 Samuel 19:13-14 e 2 Samuel 5:1 (1Cr 11:1). Em Gêneses 29:14, Labão diz a Jacó: “és meu osso e minha carne”. Normalmente, a expressão tem sido interpretada como “uma fórmula de relacionamento e parentesco” (BRUEGGEMANN, 1970, p. 537; ver WENHAM, 1987, p. 70; BRATSIOTIS, 1978, v. 2, p. 19; PEDERSEN, 1959, v. 1, p.59), mas, o contexto indica ser uma fórmula de “lealdade permanente”,⁹ em função do pacto feito entre ambos: “Vem, pois; e façamos aliança eu e tu” (Gn 31:44).

79

A fórmula de lealdade permanente é mais clara em 2 Samuel 5:1, onde reaparece a expressão “osso e carne”, algo como “nós estaremos contigo na fraqueza e na força; nosso juramento não será abalado pela mutabilidade das circunstâncias”. Se isso fosse uma declaração de vínculo consanguíneo, tal fato deveria ter sido notificado (BRUEGGEMANN, 1970, p. 535-536). Mas como o contexto da passagem revela, a questão não é vínculo de parentesco, mas de concerto, pois o verso 3 registra: “e o rei Davi fez com eles aliança em Hebrom”. Dessa maneira, a fórmula composta pela justaposição de *etsem-basar* se constitui no juramento indicativo da consumação de um concerto entre duas partes.

⁷ “Stanley Gevirtz foi o primeiro erudito do Velho Testamento a perceber a importância da descoberta dos pares de palavras em Ugarítico e Hebraico como um auxílio na compreensão de diversas passagens” (WATTERS, 1976, p. 22).

⁸ Para uma melhor noção sobre o desenvolvimento do tema do concerto em Gênesis 2:23, 24 relacionado com a questão sexual pré-marital ver Natanael B. P. Moraes (2000, p. 15-18).

⁹ Embora “uma carne”, possa realmente referir-se a relacionamento consanguíneo e parentesco (Gn 37:27), quando associada com “osso”, ela indica uma fórmula de lealdade permanente (BRUEGGEMANN, 1970, p. 535).

A frase “ossos dos meus ossos e carne da minha carne”, em Gêneses 2:23, segundo Brueggemann, com os pólos “carne-fragilidade” e “osso-poder”, designaria todo o conjunto de possibilidades intermediárias, do extremo de fragilidade ao extremo de poder. Algo semelhante ao voto matrimonial “na saúde e na enfermidade, na riqueza e na pobreza”, ou seja, um compromisso para “cada circunstância, desde o extremo de fragilidade ao extremo de poder”. Sendo assim, o que ocorre é a formalização de um compromisso que não será afetado pela alteração das circunstâncias (BRUEGGEMANN, 1970, p. 534-535).¹⁰

Em Gênesis 2:23, o juramento é intensificado pelo duplo uso de *basar* e *etsem*, para expressar a profunda lealdade e a solidariedade de propósito proferidas. Agora, o homem e a mulher estão ligados pela “fórmula declaratória de ratificação de concerto” (HUGENBERGER, 1994, p. 167), a fim de compartilharem uma causa comum em cada circunstância da vida. Segundo Brueggemann (1970, p. 539-540; ver MCCARTHY, 1963, p. 95-96), talvez seja essa a declaração mais radical das Escrituras sobre a capacidade humana de “fazer juramentos e entrar em concertos”. Esse juramento de Adão evidencia que ele havia compreendido e aceito as responsabilidades conjugais de permanência e perpetuação da espécie, conforme Deus prescrevera no concerto da criação (Gn 1:1-2:3 e 2:23-24) (ver EICHRODT, 1975, v. 1, p. 41; JACOB, 1958, p. 201-203; FOHRER, 1982, p. 152-153).

Desse modo, o concerto matrimonial entre Adão e Eva em Gênesis 2:23 comprova que ambos foram criados como duas pessoas livres, compartilhando o mesmo nível de igualdade social, sem exercício de autoridade de um sobre o outro ou algum tipo de superioridade ou inferioridade de um sobre o outro.

Homem e Mulher em Gênesis 3

A posição feminina de igualdade com o homem foi perdida com a entrada do pecado no mundo. Gênesis 3:16 registra: “E à mulher disse: Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez; em meio de dores darás à luz filhos; o teu desejo [*ʾsuah*] será para o teu marido, e ele te governará [*marshal*]” (Gn 3:16). Consideremos primeiro o “desejo” (hebraico *ʾsuah*) da mulher para com o marido. É interessante que a mesma palavra *ʾsuah* é empregada em Cantares para descrever o sentimento do marido para com a esposa: “Eu sou do meu amado, e ele tem saudades [*ʾsuah*] de mim” (Ct 7:10). Isso indica que o desejo da esposa pelo marido é tão natural e forte como o do marido

¹⁰ Ver Westermann (1990, p. 232) e Bratsiotis (1978, v. 2, p. 328). Esta fórmula de constância e lealdade permanente em qualquer circunstância, também é encontrada em outros textos, como 2Sm 5:1; 2Sm 19:13-14; Jz 9:2 e Gn 29:14.

para com a esposa. Nesse aspecto, o AT não faz distinção entre o homem e a mulher. Ambos parecem compartilhar o mesmo desejo (HASEL, 1984, p. 19).

Por sua vez, o relato inspirado mostra que a declaração divina de que o homem “governará” a mulher aparece no contexto do relacionamento homem/mulher do casamento, tal como é o caso do presente estudo sobre Efésios 5:21-33.¹¹ Observe-se que a primeira parte da declaração, a multiplicação dos sofrimentos na gravidez, é uma experiência que ocorre no casamento. A segunda parte, ou seja, a dor no parto, também é um fato que acontece no matrimônio. A terceira parte enfatiza o desejo da mulher pelo marido. Depois dessas três referências de alterações relacionadas com a instituição conjugal é que vem a sentença, “ele te governará” (Gn 3:16). O ambiente contextual da instituição matrimonial oferece um auxílio crucial para a compreensão da declaração “ele te governará”. A autoridade do marido sobre a esposa está restrita à esfera do casamento (HASEL, 1984, p. 19-20).

Consideremos, a seguir, algumas declarações de Ellen G. White que confirmam o fato de que após o pecado a autoridade do homem sobre a mulher ficou restrita à relação matrimonial:

Quando Deus criou Eva, Ele planejou que ela não deveria ser nem inferior nem superior ao homem, mas que em todas as coisas eles deveriam ser iguais. O santo par não deveria ter nenhum interesse caracterizado por independência um do outro; contudo, cada um deveria ter sua individualidade de pensamento e ação. Mas após o pecado de Eva, tendo sido ela a primeira a transgredir, o Senhor lhe disse que Adão deveria governá-la. Ela deveria se submeter ao seu esposo, sendo esta uma parte da maldição (WHITE, 2007, v. 3, p. 484).

81

Ela também disse que

na criação Deus a fizera igual a Adão. Se houvessem eles permanecido obedientes a Deus - em harmonia com sua grande lei de amor - sempre estariam em harmonia um com o outro; mas o pecado trouxera a discórdia, e agora poderia manter-se a sua união e conservar-se a harmonia unicamente pela submissão por parte de um ou de outro. Eva fora a primeira a

¹¹ Em Efésios 5:24, Paulo diz que as mulheres devem se submeter aos seus maridos, mas imediatamente (para evitar incompreensões) ele acrescenta que o marido deve amar a esposa como Cristo amou a igreja (5:25), assim como ele ama o seu próprio corpo (5:28).

transgredir; e caíra em tentação afastando-se de seu companheiro, contrariamente à instrução divina. Foi à sua solicitação que Adão pecou, e agora foi posta sob a sujeição de seu marido (WHITE, 2009, p. 58-59).

A declaração de Gênesis 3:16, juntamente com as de Ellen G. White, indicam que a autoridade do homem sobre a mulher não se aplica a todas as áreas de atuação das mulheres; tampouco a sentença pode ser usada para justificar o domínio e supremacia masculinos em todas as esferas da vida (HASEL, 1984, p. 20).

Ponderemos algumas questões pertinentes ao tipo de autoridade a ser exercida pelo marido sobre a esposa: essa autoridade implica em domínio e supremacia no casamento? Significa que a mulher deve se submeter a uma escravidão cega? Isso justificaria o “reinado” do homem como um déspota? Estaria incluída a perda da individualidade da esposa, a sujeição de sua vontade ao marido etc.? Nem o AT nem o NT esboçam algum tipo de resposta afirmativa. O pecado arruinou a harmonia entre marido e mulher. Para que houvesse harmonia no casamento, a esposa deveria se submeter à autoridade do marido. Contudo, deixe-se bem claro que o homem é o “cabeça” da mulher assim como o Pai é o cabeça de Cristo (1Co 11:3). Assim como o Pai e Cristo são iguais, embora o Pai seja o cabeça de Cristo, assim marido e mulher são iguais, mas o marido é o “cabeça”. Ellen G. White (2007, v. 4, p. 36-37) confirmou a igualdade entre marido e mulher quando considerou o relacionamento de um casal, cujo marido estava sendo grosseiro e ditatorial, “Ele deveria ser bem mais terno e gentil com sua esposa, que lhe é igual em todos os aspectos”. O marido é o primeiro entre iguais. A submissão por parte de um ao outro não pode ser vista como algo que destrói a essência de um relacionamento harmonioso; contudo, um dos dois administra como “cabeça”, enquanto o outro se submete. A liderança do marido, sua administração na esfera do casamento é controlada pelo seu amor que se inspira e fundamenta no amor de Cristo pela igreja, entregando-se por ela (Ef 5:25). Um marido conduzido pelo modelo divino amará sua esposa como ao seu próprio corpo (Ef 5:28) (HASEL, 1984, p. 20).

Resta, ainda, um aspecto a ser considerado. Conforme o testemunho das Escrituras, a submissão feminina ocorre apenas na esfera do relacionamento conjugal. A sujeição não se estende às esferas intelectual, mental, emocional ou outras quaisquer. A mulher pode, com o mesmo *status* do homem, participar da vida pública como no antigo Israel. Miriam serviu

como conselheira administrativa (Ex 2:4, 7-8; 15:20-21), tendo sido conhecida como profetiza (Ex 15:20). Débora serviu como “juíza” em nível de igualdade com outros juízes (Jz 4-5). Atalia reinou sobre Judá por seis anos (2Rs 11). Hulda, a profetiza, foi consultada pelos ministros do rei (2Rs 22:14). A esposa de Isaías era uma profetiza (Is 8:3). Tanto homens como mulheres podiam fazer voto de nazireado (Nm 6:2). O livro de Ester relata como uma nação foi salva por uma mulher (HASEL, 1984, p. 19).

Em Efésios 5:21-33, a ética cristã do relacionamento conjugal considera que diferença e subordinação não significam inferioridade. A subordinação da esposa é do tipo da que ocorre entre iguais, não em obediência servil, mas em submissão voluntária (NICHOL, 1976, v. 6, p. 1036).

É evidente pela Palavra de Deus que após a queda a esposa teve que se submeter à liderança do marido. Em que áreas deveria ela se sujeitar? Ellen G. White oferece uma boa noção através do conselho ministrado a uma esposa:

Mary [...] desejo com toda bondade de irmã e de mãe, amigavelmente advertir você sobre outro assunto: Tenho notado muitas vezes a maneira como você fala com John diante de outras pessoas, de modo um tanto dominador e em um tom de voz que soa impaciente. Mary, os outros percebem isso e têm comentado comigo. Isto prejudica sua influência. Nós, mulheres, devemos lembrar que Deus nos colocou em sujeição a nossos maridos. Ele é a cabeça, e nossos critérios, pontos de vista e raciocínio devem, se possível, estar de acordo com os dele. Se não, a Palavra de Deus dá preferência ao marido, em não se tratando de assuntos de consciência. Devemos submeter-nos à cabeça (WHITE, 2005, p. 28).

83

O conselho de Paulo aos maridos (Ef 5:25-33)

A parênese do casamento dedica mais espaço ao papel desempenhado pelo marido. Paulo o faz em dois estágios (v. 25-27 e v. 28-32). Nesses, a exortação aos maridos é para que amem suas esposas e, em ambos, a base se encontra no amor de Cristo pela igreja (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 387).

A exortação aos maridos permite que Paulo aborde dois motivos: o primeiro tem a ver sobre a maneira pela qual os maridos devem tratar suas esposas. Eles devem amá-las como imitadores de Cristo. No segundo motivo, Paulo aproveita para refletir teologicamente sobre a relação de Cristo com a igreja (NEUFELD, 2001, p. 259).

Primeira seção (5:25-28a)

A seção pode ser dividida em duas partes. Na primeira (5:25-28a), os maridos são exortados: “amai vossa mulher, como também Cristo amou a igreja” (5:25). Esse amor é descrito como a entrega de si mesmo à sua noiva, a igreja, a fim de apresentá-la “gloriosa, sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante, porém santa e sem defeito” (5:26, 27). É um ambiente onde estão presentes amor romântico juntamente com autossacrifício. O verso 28a relembra aos maridos que o amor de Cristo pela igreja é o modelo de amor que eles devem ter pelas esposas, seus próprios corpos (NEUFELD, 2001, p. 259).

Há no verso 26 uma alusão a Ezequiel 16:8-14. Na seção desse livro profético, é descrito o relacionamento de *Yahweh* com Jerusalém em termos conjugais. O verso 26 também revela a repetição de um motivo paulino apresentado em 2 Coríntios 11:2, onde a igreja de Corinto deveria ser apresentada a Cristo como uma noiva pura. De posse desses dois motivos, um do AT e outro do NT, Paulo explica que o amor de Cristo pela noiva, a igreja, tinha o propósito de santificá-la através da lavagem pela água, de modo que Ele pudesse apresentá-la em glória e perfeição moral (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 387).

Por um lado, Cristo serve de modelo de amor para os maridos (um modelo cristológico), por outro o casamento serve de ilustração para a compreensão do tema eclesiológico, ou seja, a vida da igreja.

O quadro da lavagem com água evoca não apenas a imagem do banho nupcial, mas, também, e primeiramente, a experiência cristã do batismo. A sua transferência para a esfera da santidade de Deus ocorre através da água, pelo batismo e também pela palavra, a mensagem purificadora do evangelho (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 387).

Sob o ponto de vista soteriológico-eclesiológico, a igreja é purificada no momento do batismo, ou seja, na justificação. Já a sua santificação, isto é, o seu crescimento na senda da salvação, ocorre pelo contato constante com a Palavra. Que riqueza de imagens!

Como pano de fundo permanece a imagem do amor de Cristo pela igreja, padrão para os maridos crentes a quem Paulo exorta em sua carta. A sublime

ilustração de Paulo tem a força radical de indicar que o amor do marido pela esposa deveria se caracterizar pela sua disposição de ir às últimas consequências, ou seja, de dar a própria vida pela esposa (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 387).

Segunda seção (28b-33)

Tal como na primeira (v. 25), a segunda seção tem o amor de Cristo como modelo para os maridos (v. 28a). Contudo, aqui, Paulo acrescenta uma nova comparação. Ela passa a fazer uma ilustração de caráter secular, o amor próprio pelo corpo. Cristo continua sendo o modelo para os maridos, visto que Ele cuida do seu próprio corpo, a igreja. Os vários argumentos desenvolvidos na segunda seção são agrupados na citação e interpretação de Gênesis 2:24. Então, Paulo chega ao fim de sua parênese matrimonial com exortações sumarizantes para os maridos e as esposas (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 388).

O sentido de “carne” em Efésios 5:29

A interação entre “carne” e “corpo” nessa parênese não é comum nos escritos de Paulo. Geralmente em suas cartas, “carne” (grego *sarx*) se opõe a “espírito” (grego *pneuma*) (ver Rm 8; Gl 5; Ef 2:3, 11). Mas não aqui. A referência à carne é uma antecipação da citação paulina de Gênesis 2:24: “Eis por que deixará o homem a seu pai e a sua mãe e se unirá à sua mulher, e se tornarão os dois uma só carne” (Ef 5:31) (NEUFELD, 2001, p. 260).

Essa união carnal é descrita como “grande [...] mistério” (v. 32). Anteriormente, em sua carta aos Efésios, Paulo falara de outro “mistério”, no caso, a inclusão dos gentios juntamente com os cristãos de origem judaica no corpo da igreja (Ef 2:14, 15; 3:6). Mas aqui, o mistério é outro, não a união entre marido e mulher, mas a união “carnal” entre Cristo e a igreja (NEUFELD, 2001, p. 260). Nesse sentido, a união matrimonial ilumina a compreensão da eclesiologia.

O cuidado que Cristo dispensa à igreja é apresentado no verso 29: “ninguém jamais odiou a própria carne; antes, a alimenta e dela cuida, como também Cristo o faz com a igreja”. O “alimento” que Cristo concede à igreja promove o seu crescimento na senda da santificação. Há uma ligação do verso 29 com o verso 26, onde é dito que Cristo “purifica” a igreja “pela lavagem da água pela palavra”. Assim, o crescimento na senda da santificação ocorre porque Cristo concede seus dons aos membros da igreja: apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres (Ef 4:11). Observe-se que esses dons estão relacionados diretamente com o ministério da palavra, cumprindo, dessa maneira,

Efésios 5:26, 29 (“purificação pela palavra” e “nutrição”). Por sua vez, o crescimento eclesiológico também acontece por causa da concessão dos dons da palavra (apóstolos, profetas, evangelistas, pastores e mestres): “com vistas ao aperfeiçoamento dos santos para o desempenho do seu serviço, para a *edificação do corpo de Cristo*” (Ef 4:12) (LINCOLN, 2002, v. 42, p. 379).

O elevado padrão do amor

O termo grego empregado para amor é *ágape*, não *filia*, nem *eros*. *Filia* é amor baseado em emoções (FRIBERG LEXICON, 1992-2008), enquanto *eros* é o amor sexual.¹² O apóstolo Paulo desenvolveu a noção de que o amor (*ágape*) de Deus revelado na dádiva do seu Filho é a expressão suprema de amor pela humanidade (Rm 5:8; ver Mc 10:45; 2Co 5:14). Essa demonstração suprema do amor divino tem duas consequências: 1) é um convite a que o crente dê uma resposta de gratidão (2Co 5:15; Rm 10:10); 2) aquele que responde ao amor de Deus com amor torna-se um canal de bênçãos para as outras pessoas (Rm 5:5). Também é Paulo quem descreve magistralmente em 1 Coríntios 13 como é o amor *ágape*: é um princípio desprovido de inveja, presunção, ostentação, arrogância, egoísmo e ressentimento; por sua vez o amor *ágape* tem as seguintes características: é paciente, benigno, verdadeiro, justo, esperançoso, benevolente e permanente (TURNER, 1988-2002, v. 3, p. 176); noutras palavras, “o amor é um princípio ativo que promove somente o bem” (MORAES, 2000, p. 44).

A referência de Paulo a Gênesis 2:24

Gênesis 2:24 trata da instituição matrimonial. O primeiro verbo do texto, “deixará” (ARC)—hebraico *azav*—implica numa mudança de foco de lealdade, onde o cônjuge passa a ocupar o primeiro lugar nas afeições do outro cônjuge, em lugar da anterior lealdade devida aos pais (NICHOL, 1976, v. 1, p. 227); indica uma transferência de domicílio (BEAUMONT, 1987, p. 26); e, conseqüentemente, a formação de um novo núcleo familiar, o que confere à união matrimonial um caráter de exclusividade (KIDNER, 1991, p. 62; POWERS, p. 30-46).

O segundo verbo, “apegar-se-á” (ARC)—hebraico *davaq*—define a mudança de *status* de uma pessoa solteira para o de uma casada, onde uma nova unidade é formada pelo casal em contraste com a unidade anterior

¹² *Eros* não aparece nenhuma vez em o NT e apenas uma vez no AT em Provérbios 7:18, “Vem, embriaguemo-nos com as delícias do amor, até pela manhã; gozemos amores [*erotil*]”.

com os pais (WENHAM, 1987, p. 70); contém, implicitamente, a noção de amor (MORAES, 2000, p. 20). Cumpre ressaltar que tanto o verbo *azav* quanto o verbo *davaq* eram empregados para descrever o relacionamento pactual (Jr 1:16; 2:13; Dt 11:22; 30:20), de modo que o emprego de *davaq*, associado com *azav*, em Gn 2:24, indica que o casamento é um relacionamento de amor exclusivo e indissolúvel a ser regulamentado por um concerto (WENHAM, 1987, p. 71), excluindo, dessa maneira, o adulterio e a poligamia (POWERS, 1987, p. 46).

Por sua vez, a expressão “uma só carne” (ARA) comunica o sentido de um completo relacionamento entre marido e mulher, envolvendo os aspectos físico-sexual, emocional e espiritual, como também a formação de uma nova família, e especialmente a confirmação da indissolubilidade do concerto entre homem e mulher na instituição matrimonial monogâmica, consubstanciada mediante um juramento de lealdade permanente a ser repetido na formalização institucional de cada novo matrimônio (MORAES, 2000, p. 26).

Após haveremos exposto o sentido de Gênesis 2:24, pergunta-se, que aplicação Paulo desejava fazer deste texto? A citação do relato da criação em Gênesis capta o clima de amor e desejo existente entre homem e mulher na união conjugal e serve ao contexto de Efésios 5:21-33. Tanto o deixar pai e mãe como a união conjugal com o(a) parceiro(a) passam a ter um sentido elevado quando visto pelo prisma do relacionamento de Cristo com a igreja (NEUFELD, 2001, p. 264). Na verdade, Paulo cita Gênesis 2:24 para fortalecer a ligação íntima que deve haver entre a igreja e Cristo (Ef 5:32).

Com esse entrelaçamento de dois casamentos (Cristo e a igreja, marido e mulher), Efésios convida o leitor a dar asas à imaginação. A cristologia em Efésios tem ligações com o tema da sabedoria (Ef 3:10; ver Pv 1-4).¹³ Não poderia Gênesis 2:24 tornar-se uma alusão ao ato de Cristo deixar seu lar celestial para apegar-se a humanidade?

Os maridos são convidados a refletirem sobre o seu próprio relacionamento com suas esposas através da imaginação despertada por sua própria experiência de salvação em Cristo. Mais do que o quadro da união sexual, a frase “serão os dois uma só carne” pode evocar o grande hino de pacificação em Efésios 2:11-22. Através de sua morte, Cristo cria “dos dois [...] em si mesmo, um novo homem” (Ef 2:15), em/ou através de sua carne (Ef 2:14). Em Efésios 5:31, os dois são, evidentemente, Cristo e a

¹³ Uma das tradições judaicas associadas com a Sabedoria é que ela deixou o seu lar celestial e fundou um lar na terra (Eclesiástico 24) (NEUFELD, 2001, p. 264).

igreja, o marido e a esposa (não judeus e gentios). Desse modo, a união de ambos os grupos de dois são parte do mesmo impulso para a reconciliação, recriação e união que constitui o coração do mistério divino “de fazer convergir nele, na dispensação da plenitude dos tempos, todas as coisas, tanto as do céu como as da terra” (Ef 1:10) (NEUFELD, 2001, p. 264).

O sentido de “uma só carne” de Gênesis 2:24 permanece válido para os casamentos cristãos da atualidade. Porém, pode, também, ter aplicações eclesiológicas. A união entre Cristo e a igreja é plena e deve abranger aspectos emocionais, intelectuais e volitivos. Os sentimentos da igreja podem ser expressos de diversos modos, por exemplo, por manifestações artísticas como a poesia e a música; as elaborações intelectuais da igreja, como o teologizar, por exemplo, e, avançando um pouco mais, as decisões da igreja, em todas as áreas de atuação, desde a congregação até ao topo da hierarquia precisam estar em íntima conformidade com o pensamento do Esposo. Uma vez que a união matrimonial entre Cristo e a igreja é de natureza pactual e foi ratificada pelo seu sacrifício, a igreja precisa renovar regularmente seu voto de amor e fidelidade ao esposo, como se sabe, através da santa ceia. Não deve a igreja apenas manter sua integridade moral segundo o caráter imaculado do Esposo, mas precisa, sobretudo, concretizar a missão que Ele lhe deixou, que é concluir a pregação do evangelho no mundo.

88

Efésios 5:33

Na conclusão de sua parênese do casamento, Paulo exorta o maridos a amar sua esposa e a esposa a respeitar seu marido. A tensão entre igualdade e submissão é mantida. Porque os maridos não foram exortados a cumprir Efésios 5:21, “sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo”? Lincoln (2002, v. 42, p. 393) argumenta que amor e subordinação são “dois lados da mesma moeda”. Por sua vez, Neufeld (2001, p. 266) questiona: “Será que o amor descrito em Efésios é uma expressão de (auto)subordinação?” Então, ele argumenta, que depende “primeiro de como a pessoa vê a Cristo. Segundo, depende se é possível para os maridos imitarem em suas ações a disposição de Cristo, cujo senhorio assemelha-se ao de um escravo” (Fp 2:3-8) (NEUFELD, 2001, p. 266).

Paulo, em Efésios, concorda com o papel masculino de liderança sobre a esposa. Mas ele se dirige aos maridos como aqueles que levam a sério o modelo apresentado por Cristo. O ponto mais natural de identificação é com o “cabeça” — nesse caso, Cristo. Portanto, é muito importante que eles conheçam a Cristo. Aqui se encontra o “truque” da passagem: o modelo para o “cabeça” é o Servo! Ao construir seu argumento dessa maneira,

Paulo se engaja na mesma atividade subversiva daquele que um dia lavou os pés dos seus discípulos (Jo 13:1-20) (NEUFELD, 2001, p. 267).

Considerações finais

As evidências contextuais indicam que a parênese do relacionamento matrimonial começa em Efésios 5:21 e não no verso 22. Existe uma tensão entre igualdade e submissão, não apenas na parênese conjugal, mas em Efésios e demais cartas do apóstolo Paulo. De um lado está a igualdade obtida pelo batismo em Cristo e, por outro, a submissão requerida a fim de que haja ordem na sociedade e na igreja.

Na parênese matrimonial, a submissão é um dos motivos abordados. O contexto em Efésios indica que para ocorrer submissão, seja a mútua submissão entre os crentes, seja a submissão da esposa ao marido, todos devem estar cheios do Espírito Santo.

Há outra condição a ser cumprida para que a submissão se efetive convenientemente: tanto os crentes quanto as esposas devem exercê-la de livre e espontânea vontade. Nesse sentido, Jesus é o modelo, pois voluntariamente Ele lavou os pés dos discípulos na noite da santa ceia.

O tema da submissão feminina precisa ser estudado a partir de Gênesis, através do termo “homem” (hebraico *’adam*) (Gn 1:26, 27), que inclui homem e mulher. Por sua vez a palavra *’ezer*, traduzida por “auxílio, auxiliadora” juntamente com *k^onegdo* (Gn 2:18), cuja tradução seria “correspondente a”, “contraparte”; ao invés de inferioridade ou subordinação, a expressão *’ezer k^onegdo* transmite a noção de parceira, uma companheira igual ao homem.

Uma das principais evidências de que Adão e Eva foram criados como iguais encontra-se em Gênesis 2:23. A intercalação das palavras “osso, carne” aponta para a efetivação de um pacto de fidelidade entre ambos. Portanto, o concerto matrimonial entre Adão e Eva descrito em Gênesis 2:23 corrobora que ambos foram criados como duas pessoas livres, compartilhando o mesmo nível de igualdade social, sem exercício de autoridade de um sobre o outro ou algum tipo de superioridade ou inferioridade de um sobre o outro.

A submissão de Eva a Adão foi uma consequência da queda. Sim, o pecado trouxe desarmonia entre marido e mulher. A harmonia só seria alcançada pela submissão de Eva à autoridade do marido. O fato de o homem ser “cabeça” da mulher não implica em superioridade. Tal como o Pai e Cristo são iguais, embora o Pai seja o “cabeça” de Cristo, assim marido e mulher são iguais, mas o

marido é o “cabeça”. Todavia a submissão feminina ocorre apenas na esfera do relacionamento conjugal como o atesta a participação da mulher, já nos tempos do AT, na esfera política (conselheira, juíza, rainha) e religiosa (profetiza).

Segundo Ellen G. White, a submissão da esposa ao marido ocorreria na esfera de pontos de vista e raciocínio, mas não quando se trata de assuntos de consciência.

A ética cristã do casamento entende que diferença e subordinação não denotam inferioridade. A subordinação da esposa é a que ocorre entre iguais, não em obediência servil, mas em submissão voluntária.

De sua parte, a parênese do casamento dedica mais espaço aos maridos do que as esposas. Enquanto a esposa é aconselhada a se submeter ao marido, este é orientado a amar a esposa como Cristo ama a igreja.

A argumentação paulina considera a relação entre Cristo e a igreja como o modelo para a união entre marido e mulher, mas, também, a união conjugal pode servir de referência para a compreensão do compromisso de Cristo em amar e nutrir a igreja (referência paulina a Gn 2:24). A soteriologia recebe um destaque pelo quadro de lavagem e nutrição da igreja por Cristo (Ef 5:26). Por sua vez, a eclesiologia tem seu ponto alto no verso 29, uma alusão à concessão dos dons do Espírito que proporcionam o crescimento da igreja (Ef 4:11-17).

Na parênese matrimonial de Paulo em Efésios 5:21-22, o amor é o elemento que proporciona a união harmoniosa entre Cristo e a igreja, o marido e a esposa. Em suma, Cristo é o modelo de igualdade e submissão para a mulher porque sendo igual ao Pai, a Ele se submete para cumprir os seus propósitos salvíficos. Cristo é o modelo de liderança e serviço amorável para o marido porque ao mesmo tempo em que é o “cabeça” da igreja, Ele também é o servo sublime que dá sua vida para salvá-la. Que esposa não estaria disposta a se submeter àquele que se propõe a morrer por ela? 

Referências

APOLINARIO, P. **Apostila de grego para o teólogo**. São Paulo: Instituto Adventista de Ensino, 1974.

BAILEY, J. A. Initiation and the primal woman in Gilgamesh and Genesis 2-3, **Journal of Biblical Literature**, v. 89, n. 2, 1970.

BANDSTRA, B. L; VERHEY, A. D. Sex; sexuality. **The international Standard Bible encyclopedia, revised**. Wm. B. Eerdmans, 1988; 2002. v. 4.

BERKHOF, L. **Systematic Theology**. Grand Rapids: Eerdmans, 1993.

BEST, E. **A critical and exegetical commentary on Ephesians (CECE)**. Edinburgh: T&T Clark International, 1998.

BRATSIOTIS, N. P. *Basar*, In: BOTTERWECK, J. **Theological Dictionary of the Old Testament**. Grand Rapids: Eerdmans, 1978.

BROWN, F. *et al.* **Hebrew and english lexicon of the Old Testament**. Oxford: Clarendon Press, 1953.

BRUEGGEMANN, W. Of the Same Flesh and Bone. **Catholic Biblical Quarterly**, v. 32, p. 533-538, 1970.

CALVIN, J. **Commentaries on the first book of Moses Called Genesis**. Grand Rapids: Baker Book House, 1993.

DAVIDSON, R. The theology of sexuality in the beginning: Genesis 1-2. In: **Flame of Yahweh: sexuality in the Old Testament**. Massachusetts: Hendrickson Publishers, 2007.

DICIONÁRIO eletrônico Houaiss da língua portuguesa 3.0, Instituto Antônio Houaiss, 2009, 1CD-Rom.

91

EICHRODT, W. **Teologia del Antiguo Testamento**. Madrid: Cristianidad, 1975.

FOHRER, G. **Estruturas teológicas fundamentais do Antigo Testamento**. São Paulo: Edições Paulinas, 1982.

FRIBERG LEXICON. *Fileo*. In: **BibleWorks**. Norfolk: BibleWorks, 1992-2008.

HASEL, G. F. Man and Woman in Genesis 1-3. In: GENERAL Conference of Seventh-day Adventists. **Symposium on the role of women in the church**. Biblical Research Institute Committee, 1984.

HUGENBERGER, G. P. **Marriage as a covenant**. Leiden: E. J. Brill, 1994.

JACOB, E. **Theology of the Old Testament**. Nova Iorque: Harper & Brothers Publishers, 1958.

KIDNER, D. **Gênesis**. São Paulo: Vida Nova, 1991. (Série Cultura Bíblica).

LEUPOLD, H. C. **Exposition on Genesis**. Grand Rapids: Baker Book House, 1950. v. 1.

LINCOLN, A. **Word Bible Commentary: Ephesians**. Nashville: Thomas Nelson Publishers, 2002. v. 42.

MCCARTHY, D. J. **Treaty and covenant**. Roma: Pontifical Biblical Institute, 1963.

MORAES, N. B. **Teologia e ética do sexo para solteiros**. Engenheiro Coelho: Imprensa Universitária Adventista, 2000.

MOUNCE, W. D. **Basics of biblical greek**. Grand Rapids: Zondervan, 1993.

MUILENBURG, J. Form Criticism and Beyond. **Journal of Biblical Literature**, v. 88, n. 1, p. 9-10, 1969.

NEUFELD, T. R. **Believers church bible commentary: Ephesians**. Scottdale: Herald Press, 2001.

NICHOL, F. D. (Ed.). **Seventh-day Adventist Bible commentary**. Hagerstown: Review and Herald, 1976. v. 6.

_____. **Seventh-day Adventist Bible commentary**. Hagerstown: Review and Herald, 1976. v. 1.

NIEHAUS, J. J. **God at Sinai**. Grand Rapids: Zondervan, 1995.

PEDERSEN, J. **Israel, its life and culture**. Copenhagen: Branner og Korch, 1959.

PORTER, S. E; REED J. T; O'DONNELL M. B. **Fundamentals of New Testament greek**. Grand Rapids: Eerdmans, 2010.

POWERS, B. W. **Marriage and divorce The New Testament teaching**. Petersham: Jordan Books, 1987.

TRIBLE, P. Depatriarchalizing in Biblical Interpretation. **Journal of the American Academy of Religion**, v. 41, n. 1, p. 37, 1973.

TURNER, G. A. Love. In: **The International Standard Bible Encyclopedia**. Grand Rapids: Wm. B. Eerdmans, 1988; 2002. v. 3.

WATTERS, W. R. **Formula criticism and the poetry of the Old Testament**. Berlin: Walter de Gruyter, 1976.

WENHAM, G. J. **Word Biblical Commentary**: Genesis 1-15. Waco: Word Books, 1987.

WESTERMANN, C. **O.T. Genesis Commentaries**: Genesis 1-11. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1990.

WHITE, E. G. **Parábolas de Jesus**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 1976.

_____. **Patriarcas e profetas**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2009.

_____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. v. 7.

_____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. v. 3.

_____. **Testemunhos para a igreja**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2007. v. 4.

_____. **Testemunhos sobre conduta sexual, adultério e divórcio**. Tatuí: Casa Publicadora Brasileira, 2005.

Enviado dia 15/08/2011

Aceito dia 01/02/2012

